

JOSÉ MARIA ALVES

**HISTÓRIAS DE NASRUDIN
VOLUME II**

WWW.HOMEOESP.ORG

“Quando falecer
Como quer ser sepultado, Mullá?”
“De cabeça para baixo.
Neste mundo andamos sobre os pés,
No próximo quero andar ao contrário.”

Nasrudin bateu no portão do castelo.
O guarda abriu-o
E o Mullá pediu:
“Diga a vossa Senhoria
Que peço dinheiro para os pobres.”
O guarda entrou
E volvidos alguns minutos
Voltou dizendo:
“Lastimo, o Senhor não está.”
“Diga-lhe então”, disse Nasrudin,
“Que lhe ofereço este conselho
Ainda que nada me tenha dado:
Quando seu amo sair
Não deixe o rosto na janela,
Não vá alguém roubá-lo.”

Um mendigo pediu esmola ao Mullá.
Este questionou-o:
“Gosta de estar no café e de fumar?”
“Sim.”
“Gosta de ir aos banhos turcos?
De beber, comer bem e de se divertir?”
“Gosto de tudo o que é agradável.”
Nasrudin deu-lhe uma moeda de ouro.
Uns passos à frente
Estava um outro mendigo
Que tendo ouvido o diálogo
Pedi também esmola a Nasrudin.
Este interpelou-o:
“Gosta de estar no café e de fumar?”
“Não.”
“Gosta de ir aos banhos turcos?
De beber, comer bem e de se divertir?”
“Não.
Vivo na simplicidade
E a rezar.”
O Mullá deu-lhe uma moeda de cobre.
“Porquê?!” questionou o mendigo,
“A mim, cumpridor da lei,
Pequena esmola me dás
Enquanto que ao devasso
Com ouro o honraste.”
“Atenta que as necessidades dele
São bem superiores às tuas.”

Certo dia filosofava Nasrudin consigo mesmo, em voz alta:

- Vida e Morte... Quem sabe o que serão?

A mulher de Nasrudin encontrava-se num aposento contíguo e não conseguiu deixar de sorrir, exclamando:

- Homens, meu Deus, homens, todos parecidos, quase iguais, sem a menor réstia de espírito prático.

Qualquer um tem consciência de que quando os membros do corpo ficam frios e rijos, é sinal que o ser humano morreu.

Nasrudin ficou boquiaberto. Como era prática a sua esposa.

Os tempos passaram, e num dia de Inverno enquanto ia de um povoado para outro, tendo de percorrer algumas penosas milhas, num caminho atapetado de neve, sentiu as mãos e os pés ficarem completamente gelados e os membros a enrijecerem progressivamente.

Rememorando as sábias palavras da companheira, pensou:

“Estou morto. E estando morto não posso caminhar. Os mortos não caminham nem se mexem, ficam deitados e imóveis.”

De imediato, deitou-se imóvel em cima da neve, ficando cada vez mais gelado, mas sem que se mexesse, comportando-se como um morto.

Decorridas algumas horas, passaram no caminho dois viajantes que o encontraram estendido na neve.

Depois de o observarem, começaram a discutir de estaria vivo ou morto. Nasrudin quis dizer-lhes que estava morto, mas os mortos nunca falam. Assim, manteve-se calado e imóvel.

Os viajantes já plenamente convencidos do decesso de Nasrudin, levantaram-no e lá o foram carregando a muito custo para o cemitério mais próximo, até que encontraram uma encruzilhada sem que acordassem no caminho a seguir.

Um queria ir pelo da direita, enquanto que o outro pelo da esquerda, e assim se quedaram em acesa discussão.

Nasrudin exasperava e não se conteve:

- Ouçam meus bons amigos, a estrada pela qual me deveis conduzir ao cemitério é a da esquerda. É certo e sabido que os mortos não falam, por isso prometo-vos solenemente que só agora o faço e não o tornarei a repetir.

A mulher de Nasrudin jazia agonizante no seu leito. Este tentava consolá-la minimizando o seu sofrimento. As suas palavras eram dóceis e de esperança e os seus olhos brilhantes de lágrimas sorriam enganadoramente.

Nisto, a companheira disse-lhe numa voz débil:

- Estou convicta de que esta será a minha última noite contigo. A minha partida está eminente, já não verei a aurora.

Como é que vais aceitar a minha morte?

- Vou dar em maluco, mulher – respondeu Nasrudin.

Apesar do sofrimento atroz, a dedicada e fiel esposa não conseguiu deixar de esboçar um sorriso, dizendo:

- És um bom malandro. Não me enganas Nasrudin, conheço-te como às minhas mãos. Não passará um mês sobre a minha morte, que não estejas casado de novo.
- Que dizes mulher?! – exasperou-se o pobre Nasrudin –, enlouquecerei mas não tanto assim!

Uns jovens pediram ao Mullá
Que os ensinasse.
Este acordou e levou-os para sua casa.
Montou o jumento
De modo contrário,
Virado para a cauda
Com os estudantes atrás.
Os passantes espantavam-se:
“Corja de doidos.
Um louco de costas montado
Seguido por cortejo de idiotas.”
Os jovens ficaram envergonhados
E interpelaram Nasrudin:
“Porque é que assim vais montado?
Todos nos observam e criticam.”
“Estais mais preocupados
Com aquilo que os outros pensam
Do que com o que fazeis.
Vejamos em conjunto:
Se montasse de modo normal
Convosco à minha frente,
De costas para mim,
Seria desrespeitoso.
Se sou eu que à frente vou
De costas para vós
Desrespeitoso será.
Esta, é pois, a única forma.”

O Mullá na feira
Queria vender uma vaca.
Mas nada.
Defeito do bicho ou da sua falta de jeito.
Um amigo ofereceu-se para o ajudar:
“Vaca excelente.
Prenhe.
Bezerro para nascer daqui a meses.”
O animal foi logo vendido.
Radiante, Nasrudin dirigiu-se a casa
Onde se encontrava um jovem
Que pretendia desposar sua filha.
Logo experimentou seu novo dote de vendedor.
Estranho,
Como o jovem de imediato se ausentou.

Nasrudin disse:
“Caso chova amanhã cortarei lenha.
Caso bom tempo faça irei lavar.”
A mulher repreendeu-o:
“Diga se Deus quiser, Nasrudin.”
“Porquê,
Se uma ou outra coisa farei?!”
O Mullá saiu com tempo bom
E começou a lavar
Quando logo copiosa chuvada caiu.
Encaminhou-se para o bosque
Com intenção de cortar lenha
Quando um homem a cavalo
Lhe perguntou onde ficava certo povoado.
Dizendo que não sabia,
Empunhou um chicote o cavaleiro
Obrigando-o a indicar-lhe o caminho.
Voltando a casa de noite
Após longa jornada
Bateu à porta e a mulher perguntou:
“Quem é?”
“Nasrudin, se Deus quiser”, respondeu.

Nasrudin era criança.
Perguntou ao pai:
“Porque é que o seu cabelo está a ficar branco?”
“Por causa de filhos como você.
De seus actos
E perguntas, quer difíceis
Quer extravagantes.”
“Ah!, percebo.
Por isso os cabelos do avô,
São todos brancos.”

Nasrudin emprestou duas panelas.
O amigo, homem de humor
Deveu-lhas com uma outra panela
Bem mais pequena.
“Que se passa?
Esta não é minha!”
“Bem pelo contrário.
Estando suas panelas à minha guarda
Por motivo de empréstimo,
Nasceu delas este rebento
Que por direito é seu.”
Decorridos meses,
Pedi Nasrudin as panelas do amigo.
Por não as devolver
Veio este reclamá-las.
Disse o Mullá:
“Suas panelas faleceram.
Se bem se lembra
Já decidimos em tempos idos
Que panelas são mortais.”

O Mullá recorreu a um homem rico e poderoso
Pedindo dinheiro.

“Para que queres tu tal quantia?”

“Para comprar um elefante.”

“Se não tens dinheiro, como o sustentarás?”

Nasrudin indignado respondeu:

“Vim pedir dinheiro.

Dispenso o conselho

Que te não pedi.”

Um dos muitos analfabetos da aldeia
Pedi a Nasrudin que lhe escrevesse uma carta.
“Não o posso fazer, tenho um pé aleijado.”
“Isso nada tem que te impeça de o fazer,
Pois não, Mullá?”
“Pois sim, idiota.
Ninguém consegue ler a minha letra,
Assim vejo-me obrigado a viajar
Para me fazer entender.
Como é que queres, então, que o faça
Com o pé neste estado?”

Nasrudin apostou com um grupo de amigos
Que suportaria uma noite inteira
Na montanha gelada e coberta de neve
Sobranceira à aldeia.
Transportou consigo uma vela e um livro.
Foi acometido por frio terrível.
Ao raiar da aurora,
Lívido e depauperado,
Quis receber o valor da aposta.
Perguntaram-lhe os apostadores:
“Não tiveste nada para te aquecer?”
“Não.”
“Nem uma vela, Mullá?”
“Tinha uma vela.”
“Assim sendo, perdeste a aposta.”
Nasrudin nada argumentou.
Decorrido algum tempo
Convidou-os para uma ceia
A que todos compareceram.
Aguardavam na sala
A comida que nela tardava.
Impacientes, começaram a reclamar.
“Vejam os que se passa”, disse Nasrudin.
Na cozinha, enorme panela cheia de água
Com uma vela acesa debaixo dela.
A água ainda estava fria.
“Não entendo.
Não está quente.
Está aí desde ontem.”

Nasrudin aconselhava sempre:
“Não dêem a ninguém
A seu pedido,
Nada de mão beijada.
Aguardem pelo menos
Que um dia seja passado.”
“Porquê”, alguém perguntou.
“Só damos valor às coisas
Quando desconhecemos
Se as iremos conseguir ou não.”

Nasrudin estava cansado do seu burro.
Levou-o à feira da vila
Para que o leiloeiro lho vendesse.
Ficou para assistir.
O pregoeiro começou:
“Agora este belo jumento.
Forte, musculoso,
Habitado ao trabalho duro e à tormenta,
De suprema inteligência e esperteza.
Quem oferece cinco moedas
Por tão espantoso animal?”
“Cinco moedas?!”, pensou o Mullá,
“Apenas cinco moedas,
Vou licitar já.”
E Nasrudin licitou.
Entre Nasrudin e um quintaneiro
Fez-se disputa
E a cada lance o leiloeiro
Exacerbava as virtudes do asno,
O que entusiasmava o primeiro.
Afinal desconhecia do que seu era
Tanta qualidade e virtude.
Com o tempo,
Ofereceu quarenta moedas
Arrematando o jumento
Que apenas dez valia.
Pagou a comissão de um terço ao leiloeiro,
Pegou no burrico e dirigiu-se a casa
Dizendo para os seus botões:
“Se coisa há que não perco é um bom negócio.”

Nasrudin conduzia o burrico
Por vereda de penhasco.
Pata em falso
E cai o jumento no desfiladeiro
Em parte alguma ficando inteiro.
Pensativo, disse o Mullá:
“Aprender a voar, aprendeu,
Mas a aterrar não.”

Um vizinho pediu um varal a Nasrudin.
“Lamento, está em uso,
Estou a secar farinha.”
“Como?!”, replicou o vizinho,
“Secar farinha num varal
É empresa estranha, irregular,
Diria, mesmo irreal.”
“Não penso assim”, respondeu Nasrudin,
“Nem estranho, nem dificultoso.
Basta não o querer emprestar.”

Nasrudin remendava o seu telhado.
Em baixo, na rua,
Um faquir solicitou-o a descer.
Nasrudin sem questionar desceu.
O faquir pediu:
Dê-me uma esmola por Alá.”
“Podia ter subido para falar comigo”, disse o Mullá.
“Tive vergonha...”
“Ora, não seja assim.
Suba comigo”, disse Nasrudin.
Subiram ao cume.
Nasrudin continuou o seu trabalho
E disse:
“Não tenho nada trocado para lhe dar.”

Havia um funeral.

Alguém perguntou ao Mullá:

“Devemos seguir à frente ou atrás da urna?”

“Tanto faz, desde que não se esteja lá dentro.”

Nasrudin tinha um relógio
Que nunca estava certo;
Ora adiantava
Ora atrasava.
Um amigo perguntou-lhe:
“Mullá, nunca sabes as horas certas.
Será que não podes fazer algo?”
Nasrudin pensou uns segundos,
Pegou num martelo
E desferiu um golpe
Fazendo-o parar.
“Que asneira. Que fizeste tu?
Assim não o compuseste
Avariaste-o de vez.”
“Não me parece.
Antes nunca estava certo.
Agora, pelo menos,
Certo está, duas vezes ao dia.”

Houve festa em casa de Nasrudin.
A mulher fizera um doce fabuloso.
Restaram apenas duas pequenas fatias
Que guardaram para o dia seguinte.
À noite, não conseguindo dormir,
Acordou a mulher:
“Ergue-te.
Temos algo de urgente para fazer.”
“Por amor de Alá, Nasrudin.
Caio de sono e cansaço.”
“Vem”, volveu o Mullá,
“Vamos comer o doce hoje.
Melhor é que esteja no estômago
Do que na cabeça,
Não me deixando repousar.”

Um bêbado cambaleava.
Passo cá e passo lá,
Queda aqui e queda ali.
Nasrudin auxiliou-o,
Mas o homem segredou algo ao Mullá,
Que de imediato se afastou.
Um passante perguntou:
“Desistiu?
Porque o abandonou
E não ajuda?”
“Diz que não precisa.
Tudo lhe gira e rodopia.
Quando a sua casa por ele passar
Para dentro dela irá pular.
Como vê, poupa esforço,
Não precisa de caminhar.”

Nasrudin e sua mulher voltaram a casa
Encontrando a porta escancarada
E a habitação violada e assaltada.
“A culpa assiste-lhe”, disse a mulher,
“Devia ter verificado a porta antes de sair.”

“E também as janelas.”
“Não verificou as trancas.”
“Não se preveniu quando saiu.”
Disseram os vizinhos.

“A culpa é sua”, disse a mulher,
Disseram todos.

“Esperem”, alegou Nasrudin,
“Uma coisa assim...
Serei por acaso o único culpado?
Serei eu o vilão?”
“E de quem queres que seja a culpa?”, perguntaram.
“Que tal culpar os ladrões?”

Alguém pediu a Nasrudin
Que lhe emprestasse uma corda.
“Estou a utilizá-la”, disse o Mullá.
“Como assim,
Se a vejo no chão?”
“É esse o seu uso.”
“Por Alá, quanto tempo em tal uso, Nasrudin?”
“Até ao dia,
Em que me disponha a emprestá-la.”

Nasrudin encontrou um falcão,
Ave que nunca houvera visto
Repousando no seu quintal.
Nisto,
Cortou-lhe o bico,
Aparou-lhe as garras
E penas.
“Agora sim, Nasrudin”, pensou,
“Temos pássaro.”

Nasrudin tinha um cordeiro
Gordo e chamativo.
Amigos e vizinhos tudo faziam
Tentando convencê-lo
A comê-lo.
Muitas foram as tentativas,
Todas goradas,
Para com o bicho se banquetear.
Até que num serão
Convenceram o Mullá
De que o mundo
Em vinte e quatro horas iria terminar.
“Vamos então comê-lo.
Não desperdicemos oportunidade
Que não mais teremos”, disse.
Servida a lauta ceia
Adormeceram os convivas tais lorpas.
Nasrudin pegou os casacos de todos eles
E deitou-os a arder na lareira.
Acordaram e bradaram
Injuriando o Mullá.
“Calma irmãos”, disse,
“Já vos esquecestes que amanhã é o fim do mundo?!
Para que necessitais de vossas roupas?”

O Mullá enviou um garoto à fonte.
“Vá e não parta o pote.”
Nisto deu-lhe uma varada
Que o fez saltar
E bramir de dor.
“Mullá, isso não se faz.
Não se bate em quem mal ainda não fez.”
“Deixe de ser asno.
De que serve castigá-lo
Depois do mal feito?!
Que adianto
Sem água e sem vasilha?
Eu sem bilha
E tu com bordoadas
É mal de dois,
Assim que seja apenas de um.”

Um cientista e um filósofo lógico
Discutiam com Nasrudin.
“A experiência e os meus olhos
São a premissa necessária
Para que dê algo por existente.
Para que afirme a realidade”, dizia o cientista.
“A teoria é a minha premissa.
Nada experimento
Que antes não teorize”, disse o filósofo.
O Mullá de joelhos
Começou a verter iogurte no lago
Mexendo-o com um galho.
“Que faz?”, perguntaram.
“Iogurte.”
“Asneira, iogurte não é assim feito.”
“Talvez não, talvez sim.
Mas supondo que sim...”, respondeu Nasrudin.

Já quase amanhecia
Quando dois bêbados discutiam a alta voz
À porta de Nasrudin.
Levantou-se o Mullá
Enrolado num cobertor
Disposto a acalmar a contenda.
Poucas palavras dissera
Quando um dos discutidores
Puxou do cobertor
Com que fugiu,
Ele e o outro.
Nasrudin subiu a casa
E a mulher perguntou:
“Qual o motivo da discussão?”
“Acho que por causa do cobertor.
Mal um mo furtou
Tudo terminou.”

Tarde quente de Agosto.
Na estrada fervente
Nasrudin vê um homem
Com um grande cacho de uvas.
Um pouco de vassalagem seria útil
Se tal fizesse com que algumas obtivesse.
“Grande Sheik, dá-me algumas das tuas uvas?”
“Não sou Sheik”, disse o dervixe,
Homem simples e sem pretensões.
O Mullá pensou estar
Perante homem de maior importância
E de grande valia.
“Alteza, dais-me um pouco das tuas uvas?
Alguns bagos serão bastante.”
“Não sou Alteza”, volveu já agastado.
Nasrudin confundido, disse:
“Bom, não me digas quem és
Nem o que és.
Não importa,
Senão ainda vou descobrir que o que trazes
Não é um cacho de uvas.
Falemos de outras coisas.”

Nasrudin caminhava na estrada
Que o conduzia à aldeia.
O sol de Primavera acolhia-o.
Decidiu tomar atalho pela floresta
Para ver as flores
E ouvir o canto dos pássaros.
Nisto, pouco acautelado
Caiu num buraco
E aí se quedou em profunda reflexão.
“Por Alá,
Se num dia tão belo
Em local tão maravilhoso
Desgraça destas me acontece
O que não me poderia acontecer
Naquela estrada poeirenta e suja?”

Nasrudin conversava animadamente
Enquanto o sol se escondia no horizonte.
Escurecia progressivamente.
Um amigo pediu:
“Acenda a vela Nasrudin.
Está a ficar noite cerrada.”
“Qual vela?”, questionou o Mullá.
“Essa, que está à sua esquerda.”
“Ora, seu cretino,
Como distingo na escuridão
A esquerda da direita?”

Nasrudin viajava na Índia.
Sentado à porta de uma gruta
No isolamento da montanha
Estava um homem
Em profunda meditação.
Nasrudin interpelou-o:
“Penso que em algo somos parecidos.
Sou um devoto, dedicado ao Criador.”
“Eu sou um iogue.
Dedico-me aos seres sensíveis.
Tenho especial afeição por aves e peixes.”
“Bem me parecia”, disse Nasrudin,
“Um dia um peixe salvou-me a vida.
Permiti que convosco fique uns dias.”
“Certamente.
Por serdes um devoto
E pela vossa suma experiência
Que muito me compraz.”
O iogue foi ensinando o Mullá
Na arte da meditação,
Exercitando-o em métodos diversos,
Até que um dia, depois de o doutrinar
Lhe pediu para narrar o episódio do peixe.
“Conhecendo agora vosso pensamento
Não sei se vos satisfará a minha narrativa.”
“Insisto”, volveu o iogue.
“Bom, estava eu morrendo de fome
Sem comer havia dias,
Que um peixe do rio com as mãos pesquei
E com ele por três dias me alimentei.”

Nasrudin transportava para o mercado
Um asno carregado de sal.
Ao atravessar um rio
Dissolveu-se o sal
E aliviado do peso
Jubilava o sendeiro.
Decorrido algum tempo
Carregou-o de lã
E voltou a atravessar o rio.
A lã encharcada
Derreava o animal
Que cambaleante se arrastava.
“Muito bem”, disse o Mullá,
“Pensavas que saírias sempre vencendo?”

Houve uma caçada aos ursos.
Nasrudin foi convidado
E apesar de contrariado
Compareceu.
Quando voltou à aldeia, perguntaram-lhe:
“Que tal a caçada, Mullá?”
“Excelente, magnífica.”
“Quantos matou?”
“Eu? Nem um.”
“Quantos perseguiu?”
“Nem um.”
“Quantos viu?”
“Nenhum.”
“Então como pode ter sido a caçada excelente?”
“Quando caçamos ursos, nenhum é suficiente!”

Nasrudin viajou para um país
Onde abundavam cretinos e idiotas.
Aí pregava:
“Tomai atenção:
Detestai o pecado
E todo o mal.
Pedi a Deus perdão.”
Meses a fio o ia repetindo
Até que um santo dia
Se espantou com a atitude de alguns
Que permaneciam imóveis,
De braços cruzados.
“Que fazeis?”, perguntou.
“Já decidimos o que faremos
Com o pecado de que tanto falas.”
“Renunciais ao pecado e à maldade,
Decidistes afastar-vos do mal?”
“Não, decidimos afastar-nos de ti.”

Num lago nadavam patos.
Nasrudin olhou-os cobiçoso.
Tentou apanhar um
Mas nada conseguiu.
Começou então a pôr na água
Pequenos pedaços de pão
Que comia com satisfação.
Um passante perguntou:
“Que faz, Mullá?”
“Estou a comer sopa de pato.”

Falava-se de “halwa”
O mais doce dos doces árabes.
Nasrudin quedava mudo.
Perguntaram-lhe:
“E você Nasrudin, que nos diz?”
“Eu nunca fiz *halwa* em casa.”
“Como é possível Nasrudin?
Não há ninguém que não tenha feito.”
“Nunca tenho açúcar, farinha e manteiga
A um mesmo tempo.”
“Certamente alguma vez terá tido?”
“Certamente,
Mas dessa vez não estava em casa,
Estaria fora.”

Alguns jovens
Prepararam uma tramóia ao Mullá.
Estando na sauna
E chegando Nasrudin disseram:
“Imaginemos que somos galinhas.
Quem não puser um ovo
Paga de todos a despesa.”
O Mullá concordou.
Os jovens começaram a cacarejar
E um após outro
Iam retirando do traseiro
Um ovo atrás escondido.
“Mostra-nos o teu, Nasrudin.”
“Com tanta galinha
Haverá certamente um galo.
Não será assim?”

Nasrudin visitou a capital.
Quando voltou os habitantes da aldeia
Cercaram-no de perguntas.
“Que viste tu?”
“Que fizeste?”
“O que é que foi mais importante para ti?”
“Mais que ver foi o que ouvi
Que deveras me marcou,
Quando o próprio rei comigo falou.”
Os ouvintes ficaram satisfeitos.
Apenas um, o menos expedito,
Ficou e perguntou:
“O que te disse o rei?”
“Cruzou-se comigo
E em alta voz bradou:
- Sai do meu caminho!”
O aldeão deu-se por contente.
Tinha ouvido pela boca de outrem
Palavras de Sua Majestade.

O Mullá estava empoleirado numa árvore.
Alguém lhe perguntou:
“Que fazes por aí, Nasrudin?”
“Estou procurando ovos.”
“Como assim?!”
Os ninhos são do ano passado.”
“Suponhamos que és um pássaro
Que quer fazer um ninho.
Irias fazê-lo aos olhos de toda a gente?”

Um amigo fez constar a Nasrudin
Que falar mal de dervixes
Faria cair uma maldição sobre quem o fizesse.
“Nada disso, asneira”, afirmou o Mullá.
Do bolso tirou uma pequena caixa
De onde tirou um sapo.
“Vejam.
Este é meu irmão.
Criticou um dervixe,
Mas tem saúde,
Come pouco
E pode viver mais de cem anos.
Está bem melhor do que estava.”

Não se sabia onde estava o burrico de Nasrudin.
Os campónios da aldeia procuravam-no.
Nasrudin não parecia preocupado
Mais parecendo os que o buscavam.
Um dos que auxiliavam disse:
“Não pareces constrangido
Nem sofres com a eventual perda.
É assim, ou engano-me?
“Enganas-te amigo.
Quando procurarmos nas montanhas
Que vemos no horizonte
E não o encontrarmos,
Então, começarei a ficar apreensivo.”

Nasrudin afirmava na casa de chá
Sua inata hospitalidade.
Aproveitando-se, disseram os amigos:
“Leva-nos a tua casa para jantar.”
Nasrudin anuiu
E partiu à frente para avisar a mulher
Que não ficou entusiasmada:
“Não tenho comida para tanta gente.
Mande-os de volta.”
“Não posso tal fazer.
Minha honra está em jogo.”
“Eu mesmo o farei,
Direi que não estás.”
Decorrido algum tempo, os convidados
Impacientavam-se desesperados.
“Abre a porta, Nasrudin,
Deixa-nos entrar
Pois queremos comer.”
A mulher do Mullá disse-lhes:
“Meu marido não está.
Saiu a correr
Não sei para que coisa fazer.”
Os amigos disseram que tal impossível era.
Tinham estado sempre à porta
E ninguém viram sair.
Continuaram então a insistir.
O Mullá sem se conter
Assomou à janela do andar cimeiro e disse:
“Podia ou não eu ter saído pelos fundos?!”

Nasrudin estava cansado de alimentar o burro.
Pedi à mulher que o fizesse
O que ela negou.
Depois de muita discussão
Decidiram:
O primeiro a falar
Teria de alimentar o jumento.
Nasrudin sentou-se no sofá
E a mulher foi ao mercado.
Entretanto, um larápio
Entrou em casa
Furtando tudo o que havia para furtar.
O Mullá viu,
Mas manteve-se quieto e mudo
Para a promessa não quebrar.
A mulher retornou a casa
E perante tal aparato
Começou a injuriar o marido
Que impávido lhe disse:
“Vai dar comida ao burro
E vê no que deu a tua teimosia.”

Nasrudin caminhava à noite em estrada deserta.
Um grupo de cavaleiros dirigia-se na sua direcção.
A sua imaginação, movida pelo medo,
Apontava perigos terríveis, sem fim.
Começou a fugir,
Saltou o muro de um cemitério
E estendeu-se numa cova aberta.
Os cavaleiros estranhando-o,
Seguiram-no e interpelaram-no:
“Que fazes criatura nessa cova?
Podemos ajudar-te?”
“Estou aqui por vossa causa
E vós aqui por mim”,
Respondeu tremendo Nasrudin.

Nasrudin teve uma zanga com a mulher.
Esta, irritada
Aqueceu-lhe a sopa em demasia
Aguardando que o Mullá se queimasse
No momento de a comer.
Serviu-a,
Mas esquecendo-se do feito
Foi a primeira a queimar-se.
Tal a dor que chorou.
Vendo-a assim, disse Nasrudin:
“Porque choras, mulher?”
“Ah, minha pobre mãe antes de falecer
Comeu uma sopa assim.
Choro com saudade.”
Nasrudin, elucidado e esfomeado,
Lançou-se sobre a sopa
E logo as lágrimas lhe correram pelo rosto.
“Porque choras, Nasrudin?”
“Choro porque tua pobre mãe morreu
E logo te havia de deixar viva.”

O rei andava à caça
Quando quis almoçar.
Por perto, apenas a casa de chá
Do afamado Nasrudin.
Pedi uma omeleta.
Logo que terminou disse:
“Mullá, temos de voltar à caça.
Traga a conta.”
“Mil moedas de ouro, Majestade.”
“Por Alá, Nasrudin,
Há falta de ovos nesta região?”
“Não Excelência, não será bem assim.
O que falta é visita de rei.”

Nasrudin atarefado

Espalhava migalhas em torno da casa.

“O que é que estás a fazer?”, perguntou um vizinho.

“Fazendo os tigres fugir.”

“Mas aqui não há tigres!”

“Então funciona, não?”

Nasrudin visitou o rei
Trajando fantástico turbante.
Estava convencido de que lho poderia vender
Arrecadando umas quantas moedas de ouro.
Sua Majestade reparou nele e perguntou:
“Quanto pagaste pelo turbante?”
“Mil moedas meu rei.”
O vizir segredou ao amo:
“Só pode ser tolo.
Ninguém pagaria tal maquia.”
“Porquê? É a primeira vez que tal ouço.
Nunca vi peça por tal quantia”, disse o rei.
“Saiba Majestade, que o comprei
Sabendo que em toda a vasta Terra
Apenas um rei o compraria.”
Encantado com tal elogio
Ordenou a entrega de duas mil moedas a Nasrudin.
Dias após, este disse ao vizir:
“Conheces o valor dos bens,
De mantos e turbantes,
Mas sou eu que conheço a fraqueza dos reis.”

O rei enviou uma delegação pelo país
Para que se encontrasse homem recto e modesto
Com o fim de ser nomeado juiz.
Encontraram Nasrudin, que soubera da embaixada
Com uma rede de pesca enrolada nos ombros.
Um dos da comitiva perguntou:
“Porque usas essa rede?”
“Para que nunca esqueça humilde origem.
Meu avô foi pescador,
Meu pai pescador foi
E eu também o fui.”
Foi de imediato nomeado magistrado
E deslocado para a corte.
Certo dia, um dos que o escolhera
Encontrou-o sem rede.
“Que fizeste da rede de pescador?
Porque não a envergas?”
“Preciso dela
Eu que já apanhei o peixe?!”, disse o Mullá.

Nasrudin e um amigo procuraram a toca de lobo.
Pretendiam um filhote.
O Mullá, assomou à entrada
E foi acometido por feroz animal.
Iniciou-se luta infernal
E no meio desta,
Gritou o amigo:
“Pare, Mullá.
Deixe de correr e de saltar,
Já estou meio coberto de terra.”
Respondeu Nasrudin:
“Não mo diga a mim.
Se parar
Ficará coberto por inteiro.”

Nasrudin tinha um búfalo
Com dois largos e longos chifres.
Uma das suas antigas fantasias
Era sentar-se neles
Como um rei no seu trono.
Certo dia não resistiu.
Mas, assim se sentou
Assim foi lançado ao ar,
Arremessado como leve pena.
Enquanto inconsciente da queda
Chorava sua mulher.
Nasrudin, retomou a consciência e disse:
“Não chore.
Se tive algum sofrimento
Também um desejo realizei.”

Um homem lamuriava-se
Por lhe terem roubado elevada quantia.
Nasrudin, disse:
“Alá te acudirá.”
“Será?”, questionou duvidoso.
“Vem comigo à mesquita.”
Nesta, o Mullá estendido e aos brados,
Pedia a Deus que restituísse o dinheiro furtado.
O alarido era de tal monta
Que os fieis incomodados
Decidiram angariar o montante desaparecido.
Nasrudin filosofou:
“Provavelmente não entendes os meios
que movimentam e equilibram o mundo.
Mas os fins compreendes,
Quando tão directos assim.”

Nos dias de mercado, Nasrudin percorria-o
Pedindo uma moeda.
Sempre lhe ofereciam uma grande e outra pequena
A escolher.
Era a pequena que sempre escolhia.
Tinha consciência de que se riam de si,
Que passava por idiota.
Alguém lhe disse, um dia:
“Mullá, escolha a moeda maior.
Ganhará duas vezes
E deixarão de se rir de si.”
“Talvez seja,
Mas quando assim fizer esta gente
Nunca mais me vai oferecer dinheiro
Porque deixarei de ser mais tolo do que ela.”

Um discípulo não parava de fazer perguntas.
Nasrudin ia respondendo como podia.
O jovem homem insistia:
“Mullá, quero progredir rapidamente no caminho
Diga-me algo, um segredo
Que me faça despertar.”
“No momento certo”, respondeu Nasrudin.
Passados meses, volveu:
“Conte-me o segredo.”
“Certo.
Qual é a sua primeira obrigação?”
“Seguir o seu exemplo, Mestre.”
“Sabe então guardar um segredo?”
“Sim Mestre.
Não o transmitiria a ninguém.”
“Então, veja como eu consigo guardar um segredo
Tão bem quanto você é capaz de o fazer”, rematou.

“O que é o destino?”, perguntaram a Nasrudin.
“Uma sucessão de factos
Que se encadeiam e integram
Uns influenciando os outros.”
“A sua resposta é vaga
E não me satisfaz.
A explicação está na relação causa-efeito.”
“Vejam, então”, disse o Mullá,
“Olhe aquele homem.
Está sendo levado para a forca.
Por que será?
Porque alguém lhe deu a moeda
Com que adquiriu a arma do crime?
Porque alguém viu?
Ou porque ninguém o impediu de o cometer?”

Três religiosos, meio sábios, meio místicos,
Conhecendo Nasrudin
E ouvindo falar dos seus poderes,
Quiseram testá-lo.
Perguntou o primeiro:
“Onde está o centro do mundo?”
Nasrudin, indicando o jumento disse:
“No ponto em que pisa a pata dianteira,
A pata direita.”
“Será? Como sabe? Pode prová-lo?”
“Se não crê em mim, meça-o.”
Perguntou o segundo:
“Quantas estrelas existem no céu?”
“Tantas quantos pelos tem o meu burro.”
“Como o pode saber?”
“Se não crê em mim, conte-os você.”
O terceiro nada perguntou...

Nasrudin criticava as leis da cidade.
Afrontavam a verdade, a autenticidade.
O rei decidiu mudar a situação.
A seguir ao portão de entrada
Ordenou a construção de uma forca
Com o seguinte édito:
“Todos serão interrogados.
Quem falar verdade entrará,
Quem mentir morrerá.”
Nasrudin, como sempre,
Foi o primeiro a entrar.
“Onde vai?”, perguntou o chefe da guarda.
“Estou a caminho da forca”, disse o Mullá.
“Não acredito.”
“Muito bem, se estou a mentir enforcem-me.”
“Mas se o enforcarmos por mentir
O que disse será verdade.”
“Então, descobriram a verdade,
A vossa verdade.”

A mulher de Nasrudin insistia
Para que este trabalhasse.
“Não posso”, dizia,
“Estou ao serviço do Senhor.”
“Peça-lhe então um salário;
Todo o trabalhador tem direito
A ser justamente remunerado.”
Nasrudin foi para o jardim
E bradava aos céus:
“Pagai-me Alá,
Por todos estes anos de serviço.
Cem moedas de ouro
Não será muito nem pouco,
Será compensação justa.”
Um vizinho rico e chistoso,
Ouvindo-o em tal prece
Atirou com um saco de cem moedas
Que caiu aos pés de Nasrudin.
“Já recebi, já recebi, sou um santo de Deus”,
Disse o Mullá.
A partir daí
Nasrudin fazia vida de rico
E não tardou que o vizinho reclamasse o dinheiro.
Obviamente, negou-lho,
Tinha sido enviado por Alá.
“Vou levá-lo a tribunal”, afirmou.
“Não posso ir perante juiz.
Não tenho roupas decentes
Nem cavalo,
Nem nada que respeitoso pareça.
Decerto, julgará a seu favor.”
O vizinho emprestou-lhe o manto
E a montada
E dirigiram-se ao juiz,
Que ouviu o queixoso
Para depois questionar Nasrudin:
“Qual a sua defesa?”

“O meu vizinho é louco, Excelência.
Julga de tudo ter posse e propriedade.
Se lhe perguntardes, vos dirá
Que meu cavalo e meu manto lhe pertencem.
Mais fácil será dizê-lo do meu ouro.”
“Mas...mas, Eminência, é tudo meu!”
Gritou o queixoso exasperado.
“Caso encerrado”, disse o Magistrado.

Nasrudin caminhava no deserto.
Três árabes discutiam a construção dos minaretes.
O primeiro dizia:
“Caíram dos céus.”
“Foram construídos num poço e depois içados”,
Afirmou o segundo.
E o terceiro:
“Cresceram como os cactos.”
Estavam já a chegar a vias de facto
Quando pediram a douta opinião do Mullá:
“Estão em erro absoluto.
Foram construídos por gigantes antigos,
Muito, mas muito mais altos do que nós.”

O navio estava prestes a afundar.
O Mullá passara a viagem com advertências
E todos se haviam rido nas sua cara.
Agora, de joelhos, suplicavam pela salvação,
Faziam promessas absurdas,
De vultuosas quantias,
De dificultosas acções.
“Chega irmãos”, disse Nasrudin,
“Não se envolvam em tais compromissos,
como toda a vossa vida têm feito.
Vejo terra segura.”

Um sábio devoto viajou para ouvir Nasrudin.
A sua fama de místico atraiu-o.
Nasrudin estava sentado ao lume
Soprando nas mãos em forma de concha.
“Que fazes?”
“Aqueço as mãos com o meu hálito.”
Passado algum tempo
A mulher do Mullá
Serviu dois pratos de sopa.
Nasrudin soprava na sopa.
“Aprenderei algo”, pensava a visita.
“Que fazes agora?”
“Arrefeço a sopa com o meu hálito.”
Partiu de imediato.
O homem afinal não era místico
Nem mestre nenhum.

Nasrudin colheu abóboras na horta
Para as oferecer ao rei.
Um amigo, de brincadeira,
Disse para levar antes figos,
Sabendo que o rei nem ver os podia.
Assim o fez o Mullá.
Junto de sua Alteza
Entregou-lhe o presente.
Este vermelho de raiva,
Um a um lhos atirou à cabeça.
A cada arremesso
Nasrudin levantava as mãos ao céu,
Dizendo:
“Abençoado Alá, obrigado.”
O rei intrigado perguntou:
“Que agradeces tu, tolo?”
“Ó Senhor, agradeço ter trazido figos
E não abóboras.”

Uns garotos começaram a lutar
Por um saco de nozes
Que haviam encontrado.
Nasrudin foi chamado para decidir.
“Que lei querem vocês
Que use na repartição das nozes?
A dos homens ou a de Deus?”
“A de Deus”, disseram todos.
Nasrudin ia dividindo:
Uma a um, a outro três, a outro seis
E nada para os restantes.
Os que não receberam
De imediato reclamaram:
“Que lei é essa que usaste?
Que injustiça é esta?”
“Meus filhos, apliquei a lei de Deus:
A uns pouco, a outros muito e a outros nada.
Se escolhessem a lei dos homens
Seria diferente.”

Nasrudin foi a Bagdá.
Uma multidão imensa atropelava-se.
Procurou uma pensão, deitou-se
E confidenciou ao companheiro de quarto:
“No meio de tanta gente
Como me poderei encontrar
Quando acordar?”
“Ponha este balão na perna.
Quando acordar o homem do balão será você”,
Respondeu o brincalhão.
Adormeceu e quando acordou
Viu o balão na perna do vizinho.
Acordou-o e disse:
“Ei, esse aí sou eu!
Mas se esse aí sou eu,
Se você sou eu,
Por Alá,
Então quem sou eu?”

Um amigo de Nasrudin foi visitá-lo e levou de presente um pato, que foi logo cozinhado para a ceia e compartilhado com o doador.

Dias depois começaram a chegar pessoas que Nasrudin não conhecia, dizendo cada um ser amigo do amigo que oferecera o pato, e assim iam sendo alimentados e hospedados.

Nasrudin indignou-se com tanta hipocrisia e descaramento.

Nisto, apareceu em sua casa, mais um hóspede, dizendo ser amigo, de um amigo, do amigo que lhe trouxera o pato, aguardando que Nasrudin lhe servisse a ceia.

Este encheu uma malga de água quente e colocou-a à frente de tão abusadora visita.

- Desculpe, mas o que é que me está a servir – perguntou o forasteiro.

O Mullá respondeu:

- É a sopa da sopa, da sopa do pato que me foi oferecido há largos meses pelo meu amigo!

WWW.HOMEOESP.ORG